

**QUINTA-FEIRA**  
Lisboa--28 de Junho--1928

**5 TOSTÕES**

**3.º ANO**

Este numero foi visado pela Comissão de Censura



sempre  
**fi** **110**  
semanário  
humorístico

Propriedade  
**RENASCENÇA GRAFICA**  
S. A. R. L.  
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR  
**PEDRO BORDALLO**

Administração  
**REDACÇÃO E OFICINAS**  
TEL. T. 152, 153, 154  
RUA DA ROSA, 57

**DR. JOAO DE BARROS**



Uma vontade de ferro ao serviço de um coração de ouro. O seu pensamento, palavras e obras tornaram a tal ponto estreita a aproximação Luzo-Brazileira, que a distância da Torre de Belem ao Pão d'Açúcar é apenas de um palmo da sua mão minuscule, que tão grandes obras literarias tem produzido



## Os ditos da semana



**S. Pedro** Com S. Pedro, continuam os bailaricos. Na impossibilidade de os fazer camprestres, fazem-se ao canto de qualquer rua, como pelo Santo Antonio e S. João. S. Pedro é mesmo, sob o ponto de vista dos bailaricos, o sucessor e herdeiro dos outros dois colegas populares.

A devoção é a mesma: São Pedro na boca e São Cupido no coração. Ha namorico que nasce pelo Santo Antonio e quando chega o S. Pedro já vae a caminho da igreja, tornando muita rapariga, até ali sob o dominio paterno, independente... e com porta para a escada.

Como é natural, a onda de pares dançantes, vae engrossando de dia para dia, e aquilo que se fazia no Santo Antonio com duas duzias de pares, chega a S. Pedro transformado em multidão.

Se os santos populares, fossem seis em vez de trez, lá para fins de julho devia tornar-se impossivel o transito em certos bairros. Tudo seria jazz-band e dar á perna. Suor e poeira. Vinho e palavrões. Insultos e ciumes. Bengaladas e juramentos de amor. E os pares num rodopio, peito contra peito, olhos em braza, iludindo os paes de familia com a letra da cantiga:

*Não se casem não rapazes...*

E o S. Pedro, tão rigoroso e tão avaro como porteiro do ceu deixa entrar toda a gente no bailarico, como se se tivesse esquecido das chaves em casa talvez pela certeza que tem de que chaves nunca faltam.

**Casamentos a prazo**

O Parlamento mexicano vae decretar o casamento a prazo. Um individuo ajusta consorte por um determinado numero de

anos, como quem aluga um piano. Quando estiver farto de tocar, manda recolher o traste a casa do proprietario que, para o caso, deve ser o pae ou a mãe da periodica esposa, mas nada o impede de renovar o contracto ou de, passados alguns anos e algumas caras-metades, fazer uma reprise.

As juras de amor eterno serão banidas da linguagem. Nunca mais se tornará a dizer:

— Quero-te, meu amor, para toda a vida... Dir-se-ha simplesmente e já será muito:

— Quero-te pelo tempo do contrato, quero-te por ano e meio, minha vida...

As mulheres e os homens andarão de mão em mão como os binoculos de teatro ou, como as almofadas das praças de touros, que se uzam apenas durante o espectáculo.

Este novo sistema de casar, que aproxima muito a humanidade da raça canina, tem manifestas vantagens: acaba o adulterio por desnecessario. E' só questão de esperar que termine o prazo do contracto e, terminado ele, Romeu e Julieta cairão nos braços um do outro, sem terem sequer necessidade de deitar a escada.

O problema do inquilinato vae encontrar na nova lei uma solução definitiva. Nos primeiros tempos em que um marido habite uma determinada senhora, não terá que preocupar-se com casa de moradia, contentando-se com uma pensão modesta, até vêr em que páram as modas. Se ao fim do contracto se tiver dado bem e quizer continuar, então pensará no problema da habitação. Se se der mal, passa a mulher e está livre da

massada dum leilão para passar a mobilia.

Além disso, o casamento que foi sempre uma causa de despesas, passará a ser uma fonte de receita, pela instituição dos trespases.

Quando a mulher do proximo me agradar, apresento-me no domicilio conjugal e faço uma proposta:

— Convinha-me a sua mulher. Quando termina o seu contracto e quanto quer de trespasse?

— 400 escudos.

— 400 escudos? E' muito cara.

— São 400 escudos, mas entrego-lha já.

— E se fôr para entregar daqui a um ano que redução me faz?

— Ah, isso é mais caro, meu amigo. São quatro contos.

— Então a prazo ainda é mais caro?

— Pois claro, meu velho, porque tenho ainda de aturala mais 365 dias.

E, mais palavra, menos palavra, o negocio faz-se.

Um matematico habalisado (não é o sr. Antonio Cabreira) já fez as suas contas e calcula que, pelo novo processo, uma mulher em bom estado, até aos 40 anos pode render, além da produção em filhos, cerca de 100 contos, partindo do principio de que nenhuma se aguenta mais de um ano com cada marido.

Acostumados como estamos a vêr nas mulheres um sorvedouro de dinheiro, havemos de concordar que o Mexico fez a maior descoberta deste século.

No dia em que o governo portuguez, adotar a legislação mexicana, o *Sempre Fixe*, ver-se-ha obrigado a mudar de titulo passando a chamar-se *Nunca Fixe*.

Sim, porque nós também queremos.

### ARTISTAS PORTUGUEZES

## O PINTOR ARTUR LOUREIRO



*Não lhe envelhece o talento  
Que nós pedimos aos gritos...  
De Australia trouxe o alimento,  
Charutos e polainitos...*

## Lições de zoologia

## A SEREIA

A primeira lição de zoologia que dei neste semanário era referente ao Homem. Lembrou-me até que o comparei ao macaco. Mais tarde fiz a fotografia humorística do animal Mulher. Uma «Sereia», que se confessa leitora assídua deste jornal, provavelmente por estar aborrecida com o calor e não ter contas de mercearia para conferir (minha esposa, por causa destas contas, já dá indícios de alienação mental!), ao abrigo da Lei de Imprensa, apoderou-se da minha secção e, num legítimo direito que ninguém lhe pode contestar, defendeu a Mulher e atacou o Homem, não obstante ter demonstrado que o conhecia muito bem por dentro e por fóra...

O nosso presado director achou imensa piada, Alfredo França ficou com o monoculo embaciado, Luis Figueira partiu o dele, Ivo meteu um vale para festejar o acontecimento e eu, palido e loiro, muito loiro e frio, tremi, tremi, tremi... e fiquei silencioso! Parece mentira mas foi assim mesmo!!

O jornal vendeu-se tanto ou tão pouco que foi necessario fazer mais duas tiragens para Portugal, Colónias, Ilhas e Estrangeiro...

Ora a Sereia (sem ofensa para a gentil colaboradora do n.º 109 do *Sempre Fixe*) é uma animal como outro qualquer e, portanto, digno de ser biografiado. A pedido de varios camaradas cá do jornal e de toda a minha numerosa familia, inclusivé do meu filho mais novo, que é um respeitavel mamão, refiro-me hoje á Sereia, convencidissimo que mais ninguém me responderá fazendo charge, porquanto o espaço é pouco e os colaboradores são muitos...

A Sereia é um mamifero que tanto pode descender dum Pinto, como dum Coelho ou dum Cágado. Vive dentro dos navios, no mar, na terra, no ar, no Inferno ou no Registo Civil. Neste ultimo local é em fórma de noiva e no anterior em fórma de sogra. O animal em questão arma questão por tudo, adora o homem em particular e detesta a mulher em geral. Quando o caso é inverso, cal o Carmo, a Trindade. Ha sereias de varias classes: as que são solteiras e gostam de homens casados, as que são casadas e gostam de solteiros ou as que são solteiras e detestam os homens. Ha ainda mais algumas classes que, por decoro e respeito para com as leitoras em geral e da minha illustre colega em particular, não menciono.

A melhor fórma de caçar uma Sereia é a seguinte:

Assina-se o *Paris-Flirt*, procura-se uma mulher blonde, bien faite, yeux bleux, un nez parfait, aimant s'amuser, etc., etc. Troca-se correspondencia com ela, mete-se-lhe macaquinhos no sótão e aguardamos as consequencias. Logo que estas cheguem no Sud, arranjamos-lhe um quarto independente com porta para a escada e pagaremos o aluguer do mesmo. Dias depois, afrancezados e descarados, devolvemos a mulher ou sejam as consequencias e aturaremos a Sogra que, num gesto irado e mussolinico, nos chamará assassino, desavergonhado e sogricida!

(O leitor, se não achar piada a esta cronica, amaldição o seu autor, que apenas teve um intuito: Escrever uma cronica com graça identica á da ultima intitulada «Mulher»).

Rocix.



— Os srs. saem este ano, como é costume?

— Este ano, não. Ficaremos aqui todo o verão, ao sol, a vêr se enxugamos para o inverno que vem.

## O PAR DE LUVAS

O empregado ficou um pouco surpreendido ao vêr entrar na loja aquella rapariga do liceu, com um sacco cheio de livros. Mas pensou que ela vinha fazer qualquer compra para a mamã.

Na realidade, aquella rapariga só desejava matar o tempo e praticar o seu desporto favorito: — ralar a paciência ás pessoas...

— «Sim, minha menina. Temos luvas de primeira qualidade. Que prefere? *Suede? Chevreau glacé.*»

— «*Chevreau glacé?*» — exclamou ella com toda a candura dos seus olhos grandes... — «Oh! Não gostaria de trazer luvas cortadas na pele desses pobres bichinhos.»

O empregado teve um sorriso optimista:

— «E' uma maneira de falar. Geralmente, esses *chevreaux* não passam de bodes velhos.»

— «Então para que dão o lindo nome de *chevreaux* a luvas feitas com bodes velhos? Não é honesto.»

— «Vou mostrar-lhe outro artigo. O *chamois* usa-se muito...»

— «Eu não gosto do que se usa muito.»

Ele teve um sorriso forçado, mas replicou:

— «Então prefere *Suede?*»

— «*Suede?* O que é?»

— «E' uma maneira de designar uma qualidade de luvas.»

— «E' o nome do animal?»

— «Não sei bem. Mas vou mostrar-lhe um par.»

Abriu uma caixa.

— «Não! — disse ella — são dum cinzento muito escuro.»

Subiu um escadote, abriu uma segunda caixa e propôs outras luvas que eram dum cinzento muito claro. Subiu uma escada maior, abriu terceira caixa e tirou umas luvas castanhas. Eram sombrias demais. Procurou debaixo do balcão, abriu quarta caixa e ofereceu luvas *creme*. Sujavam-se muito. Mas, como tinha pena do suor que escorria da testa do ven-

dedor, a rapariga declarou, com uma vosinha suave, *que as levaria mesmo assim.*

Um sorriso de reconhecimento iluminou a cara do homem.

— «Custam trinta e oito escudos.»

— «Está bem; ficarei com uma.»

— «Um par, perfeitamente.»

— «Não. Uma luva — a da direita.»

O sorriso de reconhecimento desertou da face congestionada do vendedor.

— «Oh! Minha menina! E' impossível! Nunca nos pedem uma luva só. Não desemparelhamos os pares.»

— «Nunca lhe pedem uma luva só? — repetiu ella num tom da mais pura innocencia — E' engraçado! Mas eu só preciso da luva da mão direita.»

— «Mas, menina, que destino havemos nós de dar á luva esquerda?»

— «Quando eu compro luvas, não me interessa saber do destino das que eu não compro. No caso presente, trata-se duma tia minha que é maneta — e que não precisa dum par.»

O vendedor, já exasperado, replicou:

— «Pois não lhe posso fazer nada. E'-me absolutamente impossível desemparelhar um par.»

— «Mas não compreendo porquê. Tanto mais que estou pronta a pagar o preço do par.»

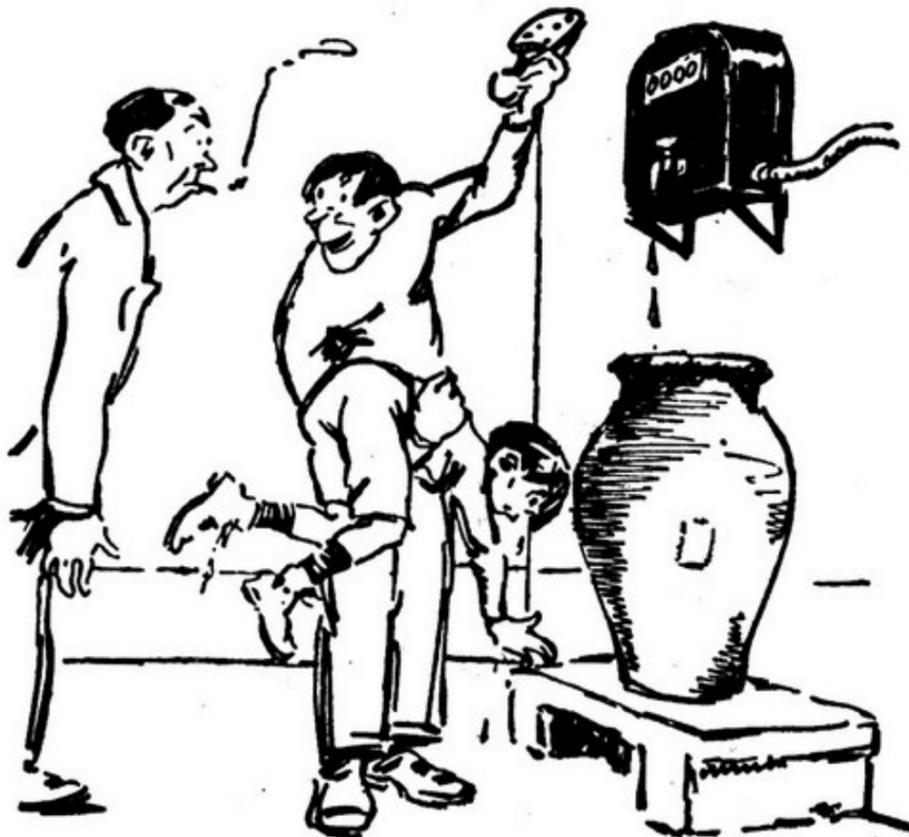
O sorriso do vendedor reapareceu.

— «Ah! Muito bem, minha menina. Isso muda completamente a questão... Ora, pediu-me a luva direita, não é assim? Aqui está...»

Mas a rapariga agarrou no sacco dos livros e, com um ar de importancia, terminou a conversa:

— «Perdão! O senhor disse-me que não podia desemparelhar as luvas — e até me repetiu isso duas vezes. E agora propõe-me a luva direita! Não é coerente, e eu vejo-me obrigada a procurar outra loja. Mas devem tirar da taboleta *Grande especialidade em luvas*, uma vez que nem sequer são capazes de me vender uma luva só!... Muito boa tarde...»

## A falta de agua



— Para que diabo estás tu a bater assim no teu filho?

— Para o contador se comover e verter umas lagrimas.

— Então espera que eu vou lá a casa enquanto minha mulher não sae.

## As prisões do Evaristo

O meu amigo Evaristo, que já tivemos o prazer de apresentar a V. Ex.ª, é um bipede que tem mais sorte com os juizes que a Carris com a nova Lei do Transitio. De quando em vez o Evaristo é preso e remetido para o Tribunal aonde, por artes do Diabo, é sempre absolvido.

A primeira vez que o prenderam, — conta ele — foi quando, ainda miúdo, meteu um «goal» estupendo na vidraça da visinha do 1.º andar do seu prédio. A visinha, que pelo visto era pouco dada ao desporto, quaxou-se á policia, e o Evaristo foi conduzido por entre exclamações coloridas e anti-desportistas da queixosa, á esquadra mais proxima, aonde a dona da vidraça ainda ouviu uma repreensão do chefe por estar com as janelas fechadas numa altura em que os esperancosos e simpaticos «bambinos» do sitio se treinavam para o campeonato inter-socios do «Bola de Trapos Football Club». A inquilina, negando-lhes o incentivo da sua presença, cometera um acto anti-desportivo e anti-patriotico.

Pela vida fóra, muitas outras prisões sofreu Evaristo, livrando-se sempre de ser condenado, por vezes por fórmas quasi milagrosas. Uma vez, preso no Rossio por ter levado uma bengalada dum sujeito pretendente como elle á mão da mesma donzela, foi Evaristo julgado nos Pequenos Delictos, onde o acusaram de ter dado ele a bengalada.

— O Senhor cometeu um grande delicto! — exclamou solenemente o juiz.

E o nosso homem foi mandado embora, porque ali era o Tribunal dos Delictos mais pequenos.

A ultima prisão do Evaristo, foi ha dias, quando ele, tendo saído de casa numa esplendida disposição de espirito, foi no caminho entrando em todas as capelinhas da sua devoção, provando em cada uma a «especialidade da casa». Como «é mais facil com uma mão dez estrelas agarras» (sem réclame) do que vir de Santos á R. Eugenio dos mesmos Santos (dos mesmos ou de outros) sem apanhar uma respeitavel «grossura», foi o Evaristo preso por um policia da brigada anti-alcoolica e conduzido mais uma vez a um posto policial.

Não sabemos se a dôse emborcada o nomeava porco, macaco, ou o promovia a Leão, Rei dos Animais.

O que é um facto é que se no caminho para a esquadra já ele atribua á bebedeira o vêr os carros a andar ao contrrio, quando lá chegou já poderia fazer o papel de bebado rivalizando com o Santos Carvalho em qualquer revista do mês. Evaristo mais uma vez ao Tribunal por ter feito tantas «provas» que chegavam para uma casa de familia de 20 pessoas, fóra os hospedes, foi, apesar de se ter provado a abundancia de provas, absolvido.

Interrogando ontem o Evaristo, sobre o motivo da sua absolvição, fiquei pasmado quando elle confidencialmente o declarou:

— Evaristo desta vez foi absolvido... por falta de «provas»!

Anibal Nazaré.

A melhor pilha em Portugal



Pilhas secas para telefones, t. logratia sem fios etc. — Peça nas melhores casas e armazens. — Representante geral para Portugal e Espanha da Fabrica «Cordesia» — Escriptorio Beço do Alegrete, 2-LISBOA



### Estranha fecundidade

Leão Peres, funcionario publico exemplar, tinha por costume chegar sempre um pouco mais tarde do que os seus colegas á repartição

Num dia, que era exageradamente tarde quando ele chegou, dirigiu-se ao chefe e desculpou-se:

—Sr. Fernandes, desculpe de eu vir um pouco mais tarde, mas a minha mulher está de parto.

O chefe, atencioso e desculpador, disse-lhe que estava bem e, atendendo á razão que ele apresentava, estava desculpado.

Novamente, daí por três meses, Leão Peres chegou á pressa á repartição, quando eram quatro horas e, indo ter com o chefe, de novo se desculpou:

—Sr. Fernandes, desculpe-me vir a estas horas, mas a minha mulher está de parto...

E durante um ano — caso estranho — a madame Leão Peres tinha estado, segundo o marido dizia, quatro vezes parturiente...

A' quinta vez que Leão Peres se desculpou de chegar tarde, devido á mulher estar de parto, o chefe começou a scismar nas sucessivas *déli-vrances* da mulher de Leão Peres e resolveu tomar nota na sua agenda do dia do ultimo parto.

Ao fim de pouco mais ou menos quatro meses, Leão Peres, funcionario exemplar e rigoroso cumpridor das suas obrigações, chegou quasi á hora da repartição fechar, e a desculpa que tinha sido por causa da mulher parturiente foi dada novamente ao chefe, mas o sr. Fernandes ia dizendo para si «que era mais facil apanhar um mentiroso do que um coxo» e nesta ordem de ideias perguntou:

—Como é que a sua mulher consegue ter mais do que quatro filhos durante pouco mais de um ano?...

Leão Peres, muito normalizado, respondeu convicto:

—Está de parto, sim, senhor!

—Outra vez?—fez o chefe.

—Sim, senhor. A minha mulher é parteira.



—O' Chico, isto será um novo processo de aprender a soletrar?



A esposa: — Não. E' inutil. Não podemos voltar para casa enquanto não pescares qualquer coisa. Eu disse ao carnicheiro que hoje não queria nada.

# A proposito de Bébés

Ahí está um enigma que eu nunca resolvi: — porque é que os *bébés* são cobertos com tantos panos inúteis?

Preguntei já a uma ama. Respondeu-me:

— «Ah! Pois é! Trazem sempre vestidos compridos.»

Como eu lhe fizesse notar que a sua resposta não explicava nada, acrescentou:

— «Então o senhor queria que estes amórsinhos andassem de saias curtas?»

Em todo o caso, seria muito mais pratico que se adoptassem dois uniformes diferentes que permitissem distinguir os sexos. Porque a coisa é difficil. Nem os cabelos, nem as fraldas, nem o idioma permitem adivinhar certo. A fatalidade quer que eu me engane sempre, o que me faz passar por um perfeito imbecil aos olhos do pai e da mãe escandalizados.

A melhor coisa para evitar o *ele* ou o *ela* é tratar a amostra por *anjo*. Diz-se: — *Oh! que lindo anjinho!*

E não se escandalizava ninguém, porque os anjos não teem sexo, ao que parece...

As palavras *lindo anjinho* devem ser seguidas por um sorriso pleno de beatitude.

Depois não se esqueçam de acrescentar que o *bébé* tem o nariz do papá. O interessado protesta, mas a gente teima, insiste e acaba por vencer.

E' difficil conceber para um celibatario uma cerimonia mais assustadora do que a apresentação do *bébé*.

Estamos na sala. Chamam a ama. E' o sinal que esperavam todas as senhoras presentes para falar de *bébés*.

A porta abre-se e eis que aparece uma mulher grande, grossa, severa, trazendo magestosamente uma especie de traveseiro.

A gente calcula que o traveseiro é o *bébé* e levanta-se solícito. As senhoras calam-se...

Solenes, olhamos para a creança.

Procuramos alguma coisa para dizer... mas o nosso génio mau só nos sugere observações estupidas.

— «Não tem muitos cabelos, hein?» Ninguém responde. Por fim, a ama afirma gravemente:

— «As creanças de cinco semanas não costumam ter os cabelos compridos.»

Novo silencio.

Como uma grande sacerdotiza executando um rito misterioso, a ama estende o pacote e diz:

— «Pegue-lhe ao colo.»

Não oferecemos resistencia. Estendemos os braços para receber a encomenda... e não sabemos o que se lhe ha de fazer.

Mas é preciso fazer qualquer coisa! Tentamos embalar a creança. A ama observa desdenhosa. O petiz começa a berrar como um possesso. A ama arranca-o dos nossos braços e diz-lhe:

— «Gougouloumiam - miam - tidildi... Que é que ele te fez?... dada-youp-youp!»

— «Mas, que lhe deu assim de repente?»

— «Naturalmente, o senhor maguou-o» — diz uma senhora. E todas elas pensam naturalmente que espetámos algum alfinete nas costas da creança...

O petiz acalmou-se. E ficaria silencioso se uma das testemunhas da scena não tivesse a má inspiração de nos apontar com o dedo e de lhe perguntar:

— «Quem é aquele senhor?»

O meu do recomeçou a berrar.

E ha sempre uma senhora de idade que diz sentenciosamente:

— «E' extraordinario como ha pessoas que desagradam ás creanças!»

— «As creanças teem um instinto especial» — diz outra visita.

— «Sabem muito bem...» — acrescenta uma terceira.

E olham todos para nós como para o autor de todos os assassinatos impunes...



— Não calculas que vista tem esta casa.  
— Eu bem vejo.

# A AMANTE

(dum conto francez)

Ela: — Decididamente, não tens vergonha nenhuma. Todos os dias a recolher a esta hora!

Ele: — Sim...

Ela: — Mas são duas da manhã e isto não é decente...

Ele: — Sim...

Ela: — Pois bem. Hei de vingar-me. Enganar-te-hei...

Ele: — Está bem. Entendido. Deixa-me dormir.

Ela: — Canalha!

Ele: — Sim...

Ela: — Malandro!

Ele: — Sim... Diez coisas de quem não tem educação nenhuma.

Ela: — Naturalmente. Nem toda a gente pode ter a tua educação...

Ele: — E' claro.

Ela: — Enquanto me desprezares, jurro-te que não consegues nada de mim.

Ele: — Sim...

Ela: — Sim... Eu sei: tu queres é que eu te deixe; queres deixar-me. Mas não faz mal. Ha seis mezes que vivemos juntos. Tinha uma esplendida situação e tudo abandonei.

Ele: — Sim. Mas precisas de educação.

Ela: — Não é culpa minha. Eduquei-me por mim porque não conheci os meus pais. Infelizmente, sou filha natural...

Ele: — E's filha natural?...

Ela: — Sim, de pai incognito. Declararam-o na administração do 4.º bairro em 2 de Fevereiro de 1910.

Ele (preocupado): — Bem! Bem...

(No dia seguinte).

Ele (entrando): — Cá estou...

Ela: — Outra vez ás duas horas da manhã?!

Ele: — O que é isso? Basta! Proibito de falares assim! A partir de hoje, tu és minha filha. Reconheci-te na administração do 4.º bairro.

«Se não mudas, ponho-te numa casa de correcção até aos 21 anos...»

«...Mas nunca me olhaste assim...»

Ela: — Sim, papá.

Bem. Delta-te.



— Maria. Vá vér se o homem do talho tem cabeça de vitela.



— Não, minha senhora, tem uma cabeça como a gente.

## Numa sociedade de recreio

### Um morto com sorte.

Assisti ha dias, com uns amigos, á representação, numa sociedade de recreio, dum melodrama da autoria de um socio.

O autor tinha feito da sua heroína uma faladora impenitente. Todas as vezes que ela aparecia no palco declamava a metro.

Não amaldiçoava o cínico com menos de trinta linhas.

Quando o herói lhe perguntava se ela o amava, punha-se em pé e discorria durante dez minutos.

No terceiro acto, foi sequestrada numa torre.

O homem que a tinha encerrado ali não era simpático — mas nós ficámos-lhe reconhecidos e aplaudimo-lo com entusiasmo.

Estavamos todos na esperança de nos termos desembaraçado dela para o resto da noite — quando apareceu o imbecil dum carcereiro.

A heroína suplicou-lhe através das grades que a deixasse sair durante alguns minutos. O carcereiro, um bom tipo, de coração sensível, hesitava.

— «Tapa os ouvidos!» — gritou um espectador das cadeiras. — «Ela está muito bem ahí. Deixa-a estar fechada á chave.»

O imbecil do carcereiro não seguiu este conselho. Monologou:

— «Meu Deus! O seu pedido é legítimo. E isso dar-lhe-ha tanto prazer!»

— «E então nós?» — disse o espectador. — «E' que tu não a conheces. E nós já a gramámos toda a noite. Deixa-a estar quieta!»

— «Oh! Deixa-me sair — gemia a heroína num tom patético. — Tenho que dizer uma coisa a meu filho!»

Uma voz da plateia:  
— «Escreve num bocado de papel. A gente entrega-lhe depois.»

O carcereiro declamava:  
— «Impedir uma mãe de ver o seu filho moribundo seria deshumano!»

— «Não! Não!» — disse o espectador das cadeiras. — «Foi ela que o pôs doente por lhe falar demais!»

Mas o carcereiro não quiz saber da razão que nos assistia. Abriu a porta da prisão, apesar dos protestos de toda a plateia.

A heroína saiu e, durante doze minutos, discursou ao filho. De repente, inclinou-se para ele, ergueu os braços ao céu e disse, soluçando:

— «Morreu!»  
Alguem na sala exclamou:  
— «Pois teve muita sorte!»



— «Repara naquela rapariga que é muito interessante.»  
— «O' filho, eu agora não vejo nada porque estou de monoculo.»

## O meio cavalo

Cascais, não sendo um Estado independente, tem uma marinha. Essa marinha não possui um só bote ca-traio; possui cavalos a correr em determinada época.

Pois foi na Marinha de Cascais, segundo me contaram, que este caso se passou.

Em França, um jockey estava indicado para vir disputar um premio a esse campo de corridas. O cavalo pertencia a um italiano e ele, jockey, já lhe tinha dado bastantes premios. A sua ambição era comprar-lhe o dito animal, mas os seus recursos não lh'o permitiam.

Dá-se o caso que um inglês que foi ver as cavalariças entabou conversa com o jockey, depois de ter examinado com atenção o animal e, ao saber que ele o queria comprar mas não tinha dinheiro que chegasse, fez-lhe á queima-roupa a seguinte proposta:

— «I say!» — disse o inglês — quer você comprar cavala de sociedade com eu?»

— «De sociedade? Talvez. Depende do preço que o patrão quizer por ele.»

— «O patrão de você — mim sabe — querer sessenta mil franques. Você dá trinta mil, eu outros trinta mil. Parte-se o cavalo ao meio e é metade para cada um.»

— «Partir o cavalo ao meio?! Você está doido! Então o cavalo é algum cabrito?»

— «Não. O cavalo não se corta ao meio. O cavalo ficar viva. O cavalo ir correr e, quando ganhar premio, metade do premio é para mi e a outra metade é para você, percebeu?»

— «Assim, sim. Está feita a sociedade e com um shake-hand firmaram o contrato.»

A proposta para a compra do cavalo foi aceite pelo proprietario e lá vieram os três — cavalo, jockey e inglês — a caminho de Portugal para disputar algumas corridas no campo da Marinha, em Cascais.

Uma vez em Lisboa, assentaram na forma de publicar a propriedade do animal.

— «O meu nome — dizia o francês — também vem como proprietario.»

— «All right!» — dizia o inglês. — «E' de toda a justiça, porque metade do cavalo é seu e, de resto, as cartas que nós trocámos mutuamente fazem fé.»

Aproximou-se a data da primeira corrida, que foi disputada com enorme entusiasmo; as apostas ferviam e o primeiro premio era tentador.

O nosso jockey defendeu-se como um leão e conseguiu ganhar a grande corrida. Entusiasmado, foi aclamado por toda a assistencia. O negocio começava bem. Já havia dinheiro fresco.

— «Quanto ganhou o cavalo?» — disse o inglês.

— «Trinta contos!» — tornou-lhe o jockey.

— «Trinta contos?! Well!... Dê cá á dinheiro.»

E, quando o francês ir a dar-lhe metade, isto é quando entregou quinze contos ao inglês, este observou-lhe:

— «Faltam quinze contos.»

— «Como assim?»

— «Assim mesmo.»

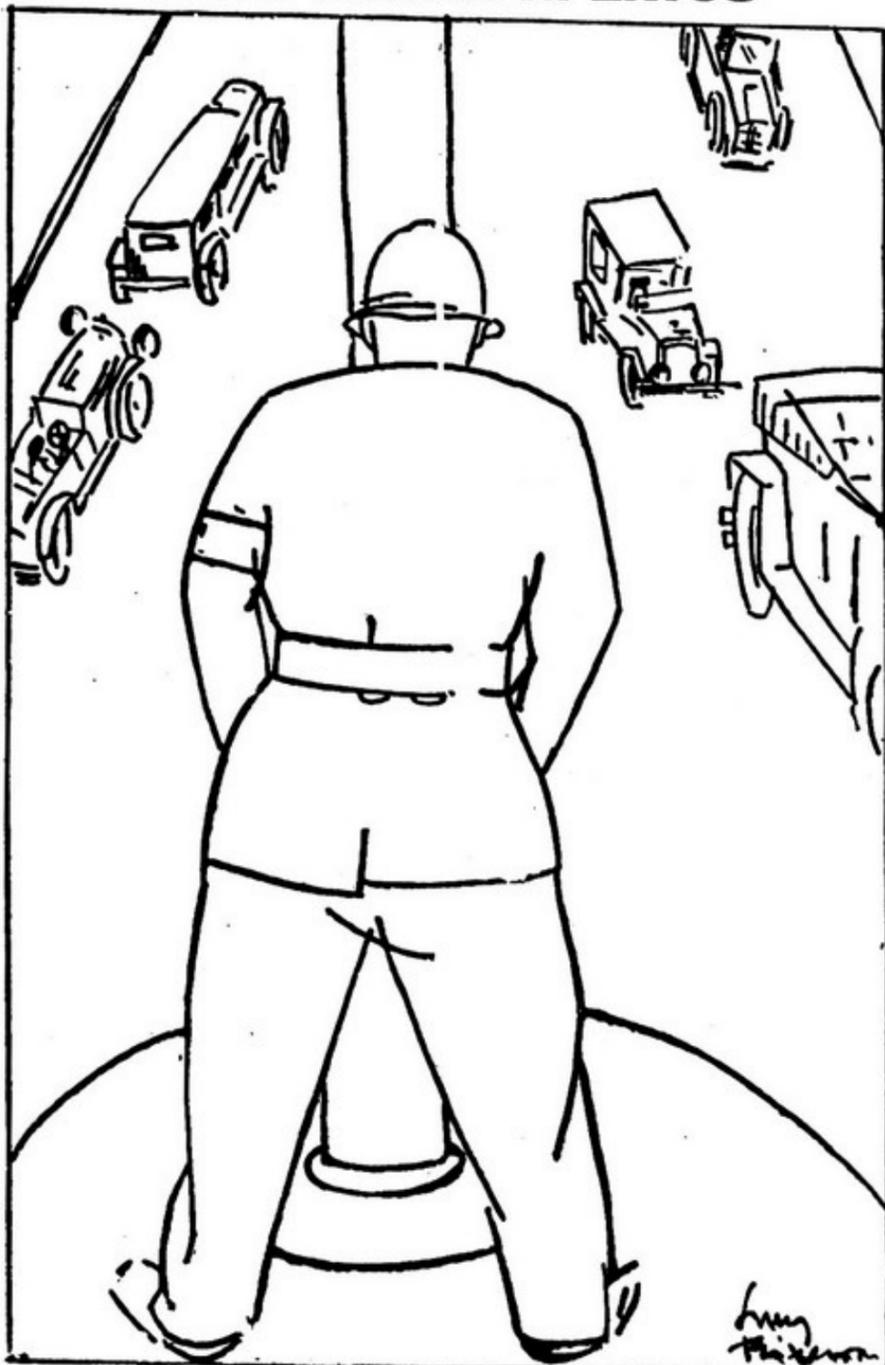
Mas, perdão, o cavalo é de sociedade: metade é meu e metade é seu.

— «Tudo isso ser verdade, mas o meu metade é o da frente e o seu metade é o de detrás. A cabeça e o peito ser meu e a barriga e o rabo é de você. O cabeça chegou primeiro e o rabo em segundo lugar, portanto negocias são negocios. Dê cá o money.»

Imitação do

Reporter B.

### PARA EVITAR APERTOS



O sinalero da Avenida fazendo o seu serviço.

## BOM HUMOR

O proprietario do automovel, dirigindo-se ao filho do chauffeur:

— «Diz-me, pequeno, sabes quem eu sou?»

— «Sei. Um senhor que anda sempre a passear no carro de meu pai...»

\* \* \*

No combolo:

— «Vejo que viaja em primeira classe.»

— «Claro! Não vê o senhor que, quando vou em segunda, encontro todos os meus credores.»

\* \* \*

No campo:

— «E' uma bela horta! O senhor pode orgulhar-se de comer os seus proprios legumes.»

— «Nem por isso. Só gosto de carne.»

\* \* \*

Na barbearia:

— «Quanto tempo terei de esperar pela vez?»

O barbeiro, vendo que o reclamante era um rapazola:

— «Dois anos, pelo menos...»

\* \* \*

Na pensão:

O hospede novo: — «Porque razão as janelas do quarto estão gradeadas? Tem medo que entrem os ladrões?»

O proprietario: — «Não, mas tenho medo que salam os pensionistas...»

\* \* \*

— «Não havia um meio seguro de estabelecer definitivamente a paz universal?»

— «Ha. Obrigando o vencedor a pagar as despesas da guerra.»

\* \* \*

— «As faces vermelhas não são sinal de boa saude?»

— «Tenho ouvido dizer que sim. — Então, a Angelica tinha outro dia melhor saude dum lado que do outro...»

\* \* \*

— «Mãe, é verdade que os camelos podem trabalhar uma semana sem beber?»

— «Sim, filho. São ao contrario de teu pai, que pode beber uma semana sem trabalhar...»

\* \* \*

— «Papá, eu e o Joanito vimos uns bolos no aparador.»

— «Já sabes o que deves fazer.»

— «Sim, senhor. Repartir metade por cada um...»

\* \* \*

— «A bolsa ou a vida!»

— «Desgraçado! Não sabes que sou o melhor advogado da cidade?»

— «Então roube-me o senhor a mim...»



— «Associei-me com o Miguel para um negocio de limpeza pelo vacuo.»

— «Em que condições?»

— «Relativamente boas. Ele põe o dinheiro e eu faço o vacuo.»

# Um conto do vigario

Os serões em casa do conselheiro Azevedo eram qualquer coisa de selecto e animado. A eles concorriam as pessoas mais gradas da laboriosa e aristocratica vila X., a dois passos da cidade.

Nessas familiares assembleias, a que os convidados, de ambos os sexos, prestavam um concurso de graça e distincção, destacava-se, particularmente, o rev. Maldonado, vigario da diocese, homem caritativo e de boa espirito.

Historietas, aneddotas, versalhada, contos e episodios da sua mocidade distante, tudo salpicado de fina verve, eram o entretenimento predilecto nas noites friorentas do inverno na vetusta residencia do conselheiro Azevedo.

Em certo serão, o rev. Maldonado, instado, como sempre, a dizer «uma das suas», saiu-se com esta:

«Eu era, então, rapazola e embevecia-me, como todos os rapazes, a contemplar os saltimbancos e artistas ambulantes que percorrem as terras da provincia.

Todas as palhacices e acrobatismos a rapaziada procurava imitar com grande gaudio. Sómente eu, pouco dado a cambalhotas e a pinos, e refractario a exercicios de pesos, pois pezado já eu andava com os feixes de lenha que me punham ás costas, comecei dedicando-me a coisas de prestidigitacão, entusiasmando-me sempre que tinha ensejo de contemplar as habilidades dos artistas no genero. E tão estudioso e aplicado me tornei que dentro em pouco, não só fazia as delicias do rapazio, como, até, das pessoas do lugar.

«De uma vez, numa loja frequentada por gente de certa ordem, o dono do estabelecimento pediu-me que exhibisse as minhas habilidades na presenca de quem estava; assim fiz.

«Trabalhei com as cartas um bocado, e depois pedi uma moeda a um dos fulanos presentes, por sinal que era conhecido por grande fôna.

«De muito pouca vontade, lá me deu uma corôa, com a qual me puz a fazer assim...

Voltando-se para um dos circunstantes, tendo interrompido o conto, o rev. Maldonado disse:

O sr. Sampaio empresta-me uma moeda para eu exemplificar o caso? Juvenal de Sampaio, tipo pretençoso, tão snob como avarento, que nos serões do conselheiro marcava pela sua ridicula pose — puxou da bolsa e tirou dela uma autentica libra em ouro, que depôs na mão do vigario. Este, sorridente e agradecido, proseguiu:

«E agora vão V. Ex.<sup>as</sup> vêr o caminho que a moeda levou...

E reatando o conto, começou seguidamente a fazer negações com a libra, até que esta desapareceu dos dedos. Depois, entre o riso dos circunstantes, concluiu, sorrindo tambem:

«E era assim, apesar de garoto, que eu repartia com os pobres...

«E o sujeito que lhe emprestou os cinco tostões não se zangou? — perguntou uma menina ao rev. Maldonado.

«O homem que me emprestou a corôa, e que ficou sem ela, conformou-se, remedio tinha ele — pois quem empresta a Deus...

«E é o que neste momento succede ao nosso comum amigo sr. Juvenal de Sampaio... — não é assim, meu generoso e querido amigo?...»

Todos riram fartamente com o conto. Só quem não riu e ficou estúpido, foi o Juvenal de Sampaio, que não tornou mais a vêr a sua rica librinha.

E' que caíra, positivamente, no «Conto do Vigario»...

Pig-Men

Sortes grandes só o PINA vende 75 - Rua de S. Paulo - 77



# PROSA DE CHATVELHO

Eis a cronica feita por Antonio Ferrinho, discipulo do nunca, jamais em tempo algum, igualado Antonio Ferro, sobre a garralada promovida pelos alunos do Instituto Superior Técnico em 10 do corrente:

DOMINGO, 10 de JUNHO

Que linda frase...

Toneladas de sol cobrem a cidade. Gaivotas, andorinhas e outros moluscos pairam no céu azul; azul como a alma dum adolescente.

Taxis, galgos apressados, ultrapassam pe'a esquerda mastodontes electricos quais girasoes monstros.

700.000 pessoas sorridentes, como janelas abertas, encaminham-se para a Meca do toureiro.

Algés... Cordova, Sevilha, e-las abraçadas tomando banho no Tejo! Sol e Sombra!!... Barreira e Contra-barreira!!... Um empurrão, dois empurrões, muitos empurrões... Estamos dentro da praça. Tudo é circular.

Circulos concentricos jogam ás escondidas atraz das bancadas. Circulos pequenos, circulos maiores, chapéus de senhora, sorrisos de mulher bailam de roda polkas e mazurkas. Em nota estridente, um clarim atordoa os ares.

Que lindas que são as corteziãs! Quadrilha de valentes! Marcha de herois!

Que lindas que são as corteziãs!

### 1.º TOURO

No claro disco de areia amarela vê-se a mancha negra do cavaleiro (João de Castro Pereira).

Dentro do curro, potente canhão, dispara ciclopico projectil de hastes emboladas.

Lutas de gigantes; combate sem tréguas.

Farpas espetadas. Fera aviltada.

### 2.º TOURO

Espada: Marcial Bolandas (Gomes Teixeira).

Peões: El Faisca (Vareta Cid); El Suspiro (Branco).

Quais brancas e inocentes pombas succumbem perante negro e feroz gavião. O meu coração sensível chora e soluça comovido.

### 3.º TOURO

El Científico (Mariano de Carvalho), El Precioso (João de Castro Pereira) e El Pecegon (Nuno de Castro Pereira).

Seis pernas a fugir, quatro a atacar. Seis menos quatro... dois: dois chifres que ameaçam.

### 4.º TOURO

Espada: Aldrabeño (Mascarenhas Gaivão); peões: El Bacteria (Trigo de Sousa) e El Peotanudo (C. Pestana); picadores: El Terror (A. Silva) e El Pavor (N. N.)

Comedia dantesca com um vampiro ás marradas.

### INTERVALO

Movem-se os circulos. Circulam os flirts.

### 5.º TOURO

Marialvas: Zé Tamanho... Estoiro (Vasco Bual) e Zefa Tamanha... Pera (João Contreiras).

Els aqui um toureiro de filigranas que me lembra volupias orientais!...

### 6.º TOURO

Espada: Martín Aguera... é que é (E. Antão); peões: El Marvila (Rets Faria) e El Corticite (Brandão); picadores: El Panico (W. Terló) e El Cagaço (N. N.)

Aljubarrota, Alcacer-Kibir, 28 de Maio... miserios microbios ao pé desta titanica luta.

### 7.º TOURO

As 5 Mulheres Celebres da Humanidade: a Miss Conde Barão (A. Silva); a Padeira de Aljubarrota (T. Sousa); a Margarida que foi á fonte (Milton); a Suzette Lenglen (Hébelo Pinto), e a Mão Eva (N. N.)

Corpos de sonata com mãos de scherzo!...

### 8.º TOURO

El Chelas (Mario Martins); El Marcha Atraz (Correia Mendes) e El Incognito (N. N.)

Passos leves e rapidos, fugindo ao contacto. Almas de avião defendendo a integridade do corpo.

Acabou a tourada. Terminou a festa toda côr. Tourada é uma palavra vermelha. O sol é dourado, as faces são pallidas. As bandarilhas são ás riscas...

ANTONIO FERRINHO

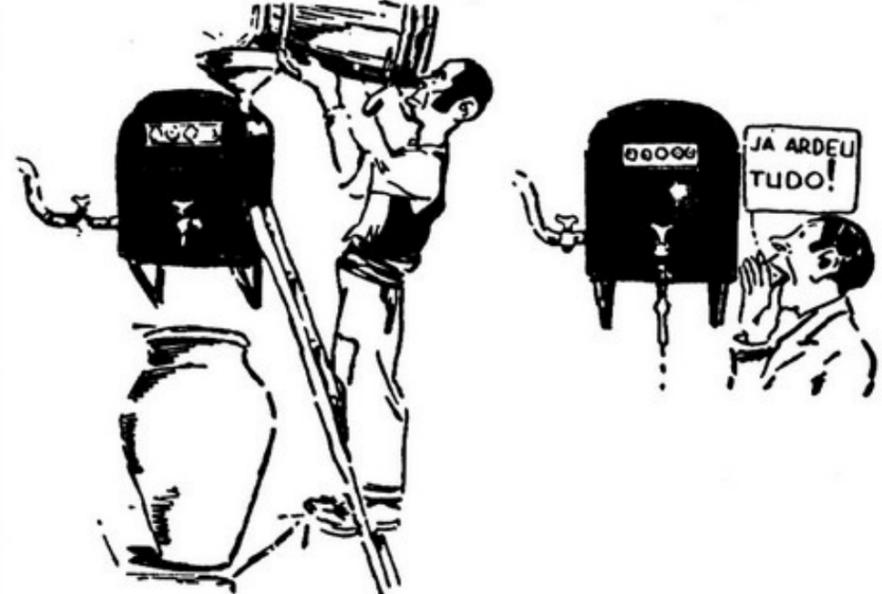
Indicações uteis — Forcados: O Co-va Funda (J. F. Ulrich); O Boa Lascia (Amaral Neto); O Papa-Jantares (Hintze Ribeiro); O Aficionado (Vasconcelos); O Caladinho (D. Luis Jardim); O Conquistador (Luis Burnay); O Socio (Ramos e Costa) N. N.

Campinos: O Escape Livre (D. Luis Alcaçovas); O 80 á hora (Arbues Moreira).

Monos sabios: Fialho e Figueiredo. Dirige a lide o distinto aficionado D. Antonio Portugal.

Este programa pode ser alterado por motivos mais do que previstos.

## Receita para obter agua



Chama-se um galego e manda-se deitar dois ou tres barris de agua no contador e em ella se acabando procede-se da mesma maneira ou então espera-se que haja um fogo, espera-se que tenha ardido tudo e grita-se bem alto para o contador: — Já arden tudo! A agua aparece immediatamente. Aplica-se um conta gotas ao contador, e vac-se gastando.

## HORAS AZIAGAS

Como um poeta vencido da vida escapa de ser devorado pelos vermes

Em vista do progressivo aumento do custo dos artigos necessarios á vida, e do desdem que as pessoas que compram sonetos mostravam pelos que o Simplício facturava, este esteve um bom pedaço a meditar acerca do processo a empregar para abandonar o vale de lagrimas em que vivia.

E assim, Simplício, poeta elevado ao plinto da Gloria — da calçada, bem entendido — resolveu passar o melhor possivel o dia de hoje, que vai ser o ultimo da sua existencia. Barbeou-se, penteou-se, escrupulosamente. Dalí a pouco ei-lo na rua. Toma a direcção da Havana, onde lhe é guardada a correspondencia e a qual, depois do nosso vate ter cumprimentado o Chido, foi por ele lida com grande amargura, com visível desgosto, e, a tal ponto, que o João Franco da Brasileira, vendo-o tão pensativo pôs-se a recitar Goethe:

O vinho tem a duração da Eternidade, não duvido

...e não duvidou o bom do Simplício do «João Franco» que foi logo direitinho beber dois ao Koke-Palace, a casa mais preferida pelo alfacinha que gosta de delectar-se com os pastelinhos feitos de essencia de bacalhau... Ali repassou ele a correspondencia minuciosamente. A primeira carta era do merceeiro a pedir-lhe o pagamento da conta, no prazo minimo de 24 horas; a segunda, do sapateiro, que ameaçava de entregar o recibo a um advogado — o que para o Simplício representava um grande par de botas. Não quiz abrir mais cartas. Demasiado compreendeu pelos carimbos dos envelopes, de procuradores, de alfaiates, de camiseiros, de advogados, de taberneiros, etc., que em nenhuma delas se cogitava de lhe darem dinheiro.

Enfim: o fado não podia deixar de ser cumprido! Comeu uma grande doze de pastels, bebeu duas belas litrosas e, já avançada a noite, recolheu a casa. Subiu difficilmente a escada e quando entrou no quarto, deu a volta á chave do gaz, pois era este o meio escolhido para cometer o suicidio.

Deitou-se Simplício sem se despir. Rezou: pediu a S. Pedro que lhe abrisse as portas do ceu — e começou a sonhar.

Num ápice os ouvidos do vate começaram a zumbir violentamente.

Sonhou Simplício que estava, agora, no Paraiso; que os seus negocios caminhavam bem; que já tinha liquidado as suas contas; que era adorado pelas mulheres; que os homens, mesmo os da envergadura intelectual do Alfredo Pi-Pi, já lhe compravam os livros de versos, a maior parte dos quais esgotados; em suma, que o Eldorado já não era para ele uma fantasia!

Porém, de repente, começou a sentir uma coisa esquisita, uma coisa assim como um profundo desejo que se lhe ia introduzindo no organismo e, por momentos, minando-lhe a existencia. Começara a sentir os primeiros sintomas da astixia.

Não obstante, as sensações que continuava tendo, o poeta julgou ter, entre a correspondencia que guardara na algibeira do casaco, um envelope contendo um cheque de mil e quinhentos escudos, preço porque vendera ao Enzota-o-Pinto, Editor, o seu ultimo trabalho sugestivamente intitulado As Rosas do Ferregial. Fez um violento esforço e levantou-se rapidamente. A luz do dia entrava já pelas vidraças da janela. O coração palpitava-lhe fortemente.

Com effeito! Simplício encontrou dentro da algibeira o sonhado e almejado envelope. A tremer de emoção rasgou-o e leu.

Pasmal, senhores! Era um aviso da Companhia do Gaz a preveni-lo de ue por falta de pagamento, lhe fôra cortado o gaz...

E o suicidio do Simplício passou á Historia, como historia é tudo isto que o maduro intelectual P. Atterley nos impingiu e que um não menos maduro adaptou, fazendo graça á portuguesa...

Ivinho



O que se diz e o que se não deve dizer

## Um desafio gastronómico no "Ferro de Engomar,"

Em honra de Candido de Oliveira, o papá *Diário de Lisboa* realizou um desafio gastronómico no Ferro de Engomar.

Como o dr. Joaquim Manso tivesse que abandonar o campo, por motivo de força maior, foi substituído por Norberto de Araujo. E este distinguiu-se numa serie de filigranas e de passes perfeitamente inesperados. Infelizmente, este belo jogo pessoal não deu nada.

Adelino Mendes, representante do team do *Seculo* houve-se como se a *equipe do Diário de Lisboa* não existisse—e jogou duro que se fartou...

Antonio Ferro, o brilhante cronista olimpico de Amsterdam, não podendo comparecer, encarregou Fausto Vilar de saudar Candido de Oliveira, á maneira dos guerreiros medievais com alma de avião.

\*\*\*

Candido de Oliveira, no banquete em sua honra, falou—como jogava nos seus tempos de *internacional*. Tudo: jogo claro, eficaz, sobrio e bem distribuído. Foi a exibição mais notável.

Placido de Sousa, comovido, fez um discurso com *pneus ballon*...

E produziu sensação o representante do *Carcavelinhos*, falando em nome da *rapaziada rasteira*...

Artur Portela fez um jogo absolutamente sindical—e que foi *foul* com todos os matadores...

Registaremos ainda o facto do *player Miguel Martins* ter partido um prato na cabeça do *half-back* que o incomodava mais de perto...

E' um facto inedito nos annals desportivos—este dum jogador pretender inutilizar os contrarios, servindo-se de pratos. A Federação deve desclassificá-lo, pelo menos por toda a vida, para que não possa entrar nos *grounds* um *player* que se põe tão facilmente naquele estado... de irritação...

\*\*\*

Nenhum dos *internacionais olimpi-*

cos compareceu no banquete ao seu seleccionador!

Foi esta a primeira vez que nos foi dado vêr, ao mesmo tempo:—17 jogadores *off-side*...

Em compensação, o grande *internacional* que foi Antonio Pinho lá

estava—muito discreto, muito apagado, como se não quizesse que dessem com ele.

Antonio Pinho lá estava—a demonstrar que, apesar de afastado das lides do *foot-ball*, ainda sabe marcar bem um lugar...

Além dos rapazes do *Diário de Lisboa*, só um jornalista não especializado tomou parte no banquete:—Adelino Mendes.

Dois dias depois, o apreciado articulista do *Seculo* publicava neste jornal um artigo, a duas colunas, de sancando os banquetes, e do qual extraímos este mimo:

### A MEIA FINAL...



«Esqueçamos as ossanas olimpicas que de quando em vez enchem a atmosfera para fazerem dum ignorado de ontem a gloriosa personagem do dia. Pormenorizemos sem personalizar. Dissequemos. Fixemos tão sómente uma das mais cordeais de quantas manifestações é de uso promover em Portugal em torno de quantos, por terem as mais das vezes feito o que qualquer homem faria em igualdade de circunstancias não hesitem de passar á posteridade. Falemos desta forma de consagração verdadeiramente epidemica que dá pelo nome de banquete»

Isto e dum humorismo brutal:—Bernard Shaw...

Adelino Mendes afirmou algures que não é um *sportsman*. De facto, o seu artigo não pode merecer a designação de *fair-played*...

\*\*\*

O *Belenenses* perdeu o seu apelo ao Congresso da Federação de *Foot-ball*. Este entendeu que o *Vitoria* ganhara bem o *match* para o campeão nato de Portugal.

Os mesmos que ha meses gastaram rios de tinta agarrados a meio-minuto de jogo, que faltou num desafio *Bemfica-Carcavelinhos*—entendem não dever considerar agora, dez minutos a menos no encontro *Vitoria-Belenenses*...

Os rapazes de Belem esqueceram-se da Historia. Esqueceram-se do processo utilizado então pelo *Carcavelinhos*. Esqueceram-se de ir fazer *chi chi* á porta da Federação...

... e uma ave agourenta perseguiu os pobres de os desgraçados.

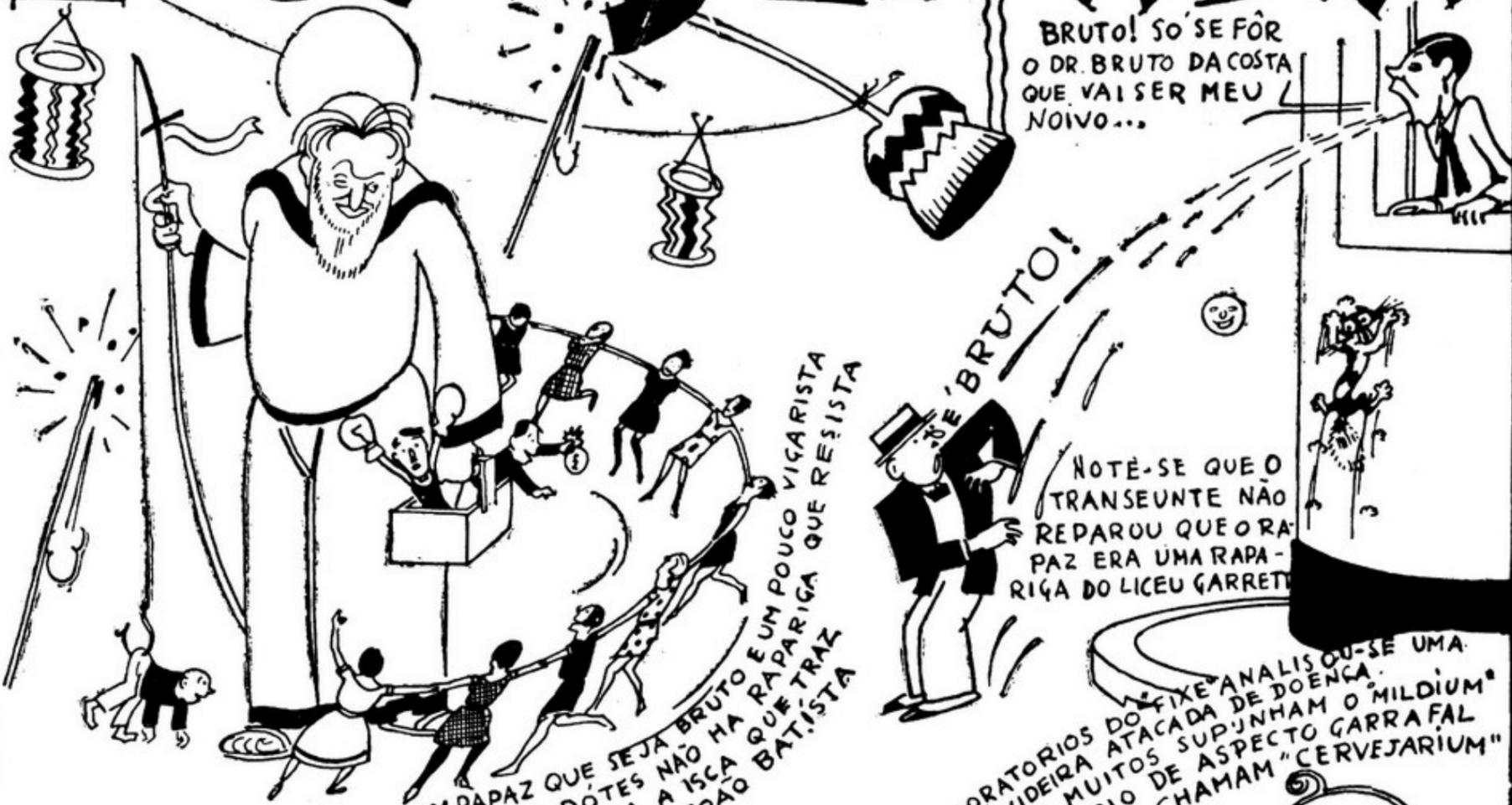
Rebola-A-Bola.

## PARADOXO



—Final de contas, as mulheres que nunca podem estar caladas, são as maiores admiradoras da arte do silencio!

# ECOLOGIA SEMANA



ONOVO MODELO DE CONTADOR PARA A AGUA



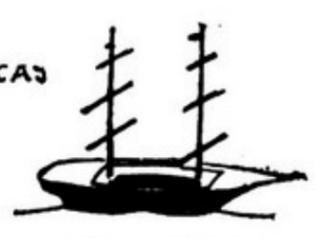
PARA LAVAGEM DE UNS PÉS BASTAM 2 GOTAS DE AGUA DOALVIELA PARA 3 LITROS DE AGUA DE MÊ SA. OS PÉS FICAM MUITO CONTENTES...



NOS LABORATORIOS DO 'FIXE' ANALISOU-SE UMA FOLHA DE VIDEIRA ATACADA DE DOENÇA. NÃO É COMO MUITOS SUPUNHAM O 'MILDIUM' MAS UM MICROBIO DE ASPECTO GARRA FAL A QUE OS SABIOS CHAMAM 'CERVEJARIUM'



NA OPERA 'BELKISS' NITA LANÇA MILHO A POMBOS CATIVOS. VE-SE UMA BARCA QUE NAVEGA SEM TRIPULANTES PORQUE NO TEMPO DE SALOMÃO J' SE MOVIAM POR ONDAS ELECTRICAS



AND'O CARRO AND'A PARAGEM DESANDA TUDO A POR FIA S'A MODA TOMA CORAGEM ANDAM RUAS QUALQUER DIA

